

» Entrevista | **PAULO PORTAS** | EX-VICE-PRIMEIRO-MINISTRO DE PORTUGAL

O avanço da polarização na América Latina, estimulada pelas redes sociais, preocupa um dos mais influentes políticos portugueses. “Tem extrema-esquerda e extrema-direita. Não tem um pouquinho de gente razoável no meio?”, questiona

O predomínio da radicalização

» DENISE ROTHENBURG

O jornalista e jurista Paulo Portas é um dos mais influentes políticos de Portugal. Ex-vice-primeiro-ministro e ex-ministro de Negócios Estrangeiros de seu país, Portas é um defensor convicto da democracia representativa e da diplomacia como instrumento para superar crises. Mas ele está preocupado com a radicalização política que avança não só na Europa, mas em todo o mundo e, em especial, na América Latina. E aponta as redes sociais como um dos fatores dessa crise. Em recente visita ao Brasil, Portas conversou com o *Correio sobre geopolítica e a “fraqueza do multilateralismo”, e tece críticas ao que chama de democracia das redes sociais.*

O multilateralismo entrou em colapso?

Acho que entrou em fraqueza. As organizações multilaterais não estão capazes de responder à gravidade dos desafios. Em todo caso, se a gente pensar quais foram as organizações internacionais que foram relevantes durante a pandemia, em termos regionais, a União Europeia foi relevante, porque aprendeu a fazer compras conjuntas e a gerir calendários de vacinação numa área, da saúde, que não é política comum. E, em termos internacionais, apesar dos seus limites, acho que a Organização Mundial de Saúde (OMS) foi relevante. Mas, basicamente, muitas organizações não foram relevantes.

Por exemplo?

Nesta crise da Ucrânia, por exemplo, as Nações Unidas. Citei como metáfora: Será possível que, no dia em que o secretário-geral da ONU vai a Kiev, a Rússia, que é membro do Conselho de Segurança, decida bombardear Kiev? É entre a falta de respeito e a humilhação. E há muito pouco espaço para a diplomacia.

Por quê?

Uma das razões é porque os dois lados estão convencidos de que podem ganhar. E isso não favorece o início de uma negociação, ao contrário do que se pensa. E há poucas entidades, neste momento, capazes de fazer uma mediação. Houve muitos países da União Europeia que pediram à China para fazer uma mediação e a China não quis. Provavelmente, pensou que ficaria com um problema nos braços e não iria conseguir resolver.

Foi medo de ser culpada pelo fracasso, se houvesse?

Isso. Por exemplo, essa pequena grande negociação que seria libertar as exportações de cereais, que são da Ucrânia e a Rússia não deixa exportar — embora haja responsabilidades das minas colocadas no mar de ambas as partes —, mas, objetivamente, a Rússia sequestrou uma parte do trigo ucraniano e ele não consegue sair de Odessa. São 85 barcos parados em Odessa. E 22,5 milhões de toneladas que fazem muita falta à alimentação,

principalmente, do Norte e do Leste da África. Precisávamos de organizações internacionais mais efetivas, mais mediadoras e com mais poder para evitar situações destas.

Como vê o papel da ONU daqui para frente?

A ONU tem duas entidades nas duas coisas que falamos: Organização Mundial de Saúde e a FAO. É indiscutível o trabalho que fazem, mas, numa situação de conflito, aparentemente não chega para restabelecer os canais. A globalização teve muitos benefícios, especialmente ao Hemisfério Sul. Vejo críticas ao Hemisfério Norte.

Quais os benefícios da globalização?

Foi tirar muita gente da pobreza extrema. Minha questão é: Será que aprendemos as lições da pandemia ou desta guerra da Ucrânia e, na próxima crise global, estaremos mais bem preparados? Essa é a questão decisiva. Pode ser que a próxima crise seja sobre o clima. Há muitos indicadores que apontam para isso. E, se chegar — quando chegar —, nós aprendemos com as falhas na pandemia e com as falhas nesta situação em pleno século XXI, ainda ser possível uma guerra entre nações no extremo da Europa? Esse é o meu ponto. Precisamos de um sério reforço e modernização do multilateralismo.

O senhor vê grandes líderes capazes de empreender essas mudanças?

Não. Vou falar do mundo democrático, daqueles que escolhem seus líderes. Estamos a escolher cada vez mais pessoas extremas. Os moderados têm muita dificuldade em viver nesta democracia do “social media” (mídias sociais). E isso não é bom para o futuro, com toda a franqueza. As pessoas já deviam ter percebido o que aconteceu nos Estados Unidos. Os Estados Unidos iam tendo um golpe de Estado no dia 6 de janeiro de 2021.

A invasão do Capitólio...

...na mais forte democracia do mundo. Tudo aquilo foi espalhado pelo “social media”. Usando o

FRANCISCO LEONG



Para Paulo Portas, países da América Latina estão vivendo um momento de “extrema polarização”

social media. A internet é fantástica. Mudou as nossas vidas, foi a revolução mais importante das nossas vidas. Mas, atenção: As guardas políticas que tomaram conta das plataformas, essas eu acho que são constantemente um fator de radicalização, de insulto, não se consegue ter uma discussão serena. As pessoas acabam por insultar-se umas às outras. Não querem ter razão, querem insultar o adversário. Isso acaba resultando em pouco espaço para o compromisso, para o acordo. E estamos a ver isso em muitos países do mundo democrático. Além disso, há cada vez mais pessoas a viver em regimes autoritários.

Há esse perigo no Brasil?

Seria muito pouco educado da minha parte falar sobre um tema tão sensível.

Mas, estamos vivendo uma polarização nesse momento.

Toda a América Latina está. Acho que um português deve abster-se de fazer comentários sobre a política externa brasileira, mas posso contextualizar. Toda a América Latina está a viver um ciclo, já foi assim na Bolívia, de

uma forma extremada, no Peru, será assim na Colômbia, e, certamente, com influência das redes sociais e da captura que as redes sociais políticas fazem da agenda, a América Latina está vivendo um momento de extrema polarização, em que você não tem nem centro-esquerda nem centro-direita. Tem extrema esquerda e extrema direita. Não tem um pouquinho de gente razoável no meio? Acho que o progresso das sociedades não se faz por extremos. Se faz por acordo, passo a passo, compromisso, negociação, reforma. Está muito difícil. Acho que a América Latina teria uma oportunidade de sair desta crise global: A América Latina é produtora natural de energia e de alimentos para o mundo. O mundo está a viver um período de escassez de alimentação pelos fatores que já mencionei, e uma alta de preços descontrolada da energia.

Em relação à Europa, também vivemos essa polarização?

Houve eleições na França. Os franceses são, talvez, o povo mais político da Europa. 52% não foram votar. Acho que isso nos devia abrir os olhos. O que está

passando nas democracias europeias? É outro sintoma de que alguma coisa não está bem. Isso nos deveria nos pôr a pensar sobre alguma doença que está a atingir as democracias.

A democracia está doente mesmo?

Eu acho que há um cansaço da ideia de que há margem de manobra para fazer a diferença, há um cansaço da corrupção. Os europeus tornaram-se povos que não estão dispostos a renunciar a nada. Atingiram um nível de conforto muito grande. Querem o melhor de todos os mundos ao mesmo tempo. Às vezes, isso não é possível. O Brexit (saída do Reino Unido da União Europeia) na mais antiga democracia da Europa, com uma enorme manipulação dos argumentos, é algo a se pensar. É preciso sublinhar que, na chamada democracia digital, não há passado e não há longo prazo. O passado foi ontem à noite e o longo prazo é amanhã de manhã, na melhor das hipóteses.

E não se aprofundam os temas?

Nada. Eu disse ali: Quase nenhum problema que o mundo

tem para resolver é simples, não cabe em 142 caracteres. E, portanto, essa democracia digital leva a uma simplificação do que é complexo. A simplificação chama a manipulação. Uma parte significativa das contas e dos perfis é falsa. A gente chega a um ponto de discutir com pessoas que não existem e aceitamos isso. É isso que eu acho revelador: Aceitamos isso. Estou um pouco preocupado com o predomínio da radicalização e do curto prazo, e da ideia de que há soluções mágicas para coisas que não têm soluções mágicas.

Por exemplo?

A inflação não tem solução mágica, é um tema muito complexo. A inflação tem um componente de energia grande e não há magia. Subir os juros prejudica a economia, mas é a única maneira de controlar a inflação. Vocês, no Brasil, sabem muito bem o que é o dragão da inflação. Tenho uma admiração muito grande por um homem que ajudou a trazer racionalidade econômica ao Brasil, o presidente Fernando Henrique Cardoso, de quem eu gosto muito.

O que é possível fazer nessa preparação em relação à ordem internacional, por exemplo?

Há alguns pilares de estabilidade possíveis para que a imprevisibilidade seja menor. A relação entre a China e os Estados Unidos, por exemplo. É evidente que os Estados são a maior economia do mundo e, com certeza, a China está mais ambiciosa, mas seria importante que houvesse um mínimo de gestão dessa competitividade entre os dois países. E temos que prestar atenção na Ásia. Veja o que ocorreu com as mulheres no Afeganistão, já não podem ir à escola, passear no mesmo jardim onde estão os homens. Já não podem viajar para fora. E, agora, dramaticamente, têm que outra vez pôr a burca. Isso aconteceu em nove meses. Tem o problema de Taiwan, que é muito sensível. Mas, é certo que precisávamos que a relação entre as duas superpotências fosse mais estável. É preciso também uma governança econômica da globalização. É indiscutível que a globalização tirou muita gente da pobreza. Mas também é verdade que aumentou o gap (a distância) entre quem tem e quem não tem. E era preciso encontrar um ponto de equilíbrio nisso. A minha noção de igualdade é a igualdade de oportunidades. Deus não fez duas pessoas iguais. Se fosse igualitário, teria nos feito iguais. Agora, igualdade de oportunidades para eu poder por um talento a render, como vi no teatro Castro Alves, em Salvador.

JUDICIÁRIO

Moraes nega pedido da PGR para arquivar ação contra Bolsonaro

» RAFAELA GONÇALVES

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes negou, ontem, o pedido da Procuradoria-Geral da República (PGR) para arquivar o inquérito que apura o suposto vazamento de informações sigilosas da Polícia Federal (PF) pelo presidente da República, Jair Bolsonaro. O pedido havia sido feito na última segunda-feira, pela vice-procuradora-geral Lindora Araújo. Ao justificar o pedido de arquivamento, ela argumentou que o ministro violou o sistema acusatório ao determinar novas medidas na apuração da polícia.

O caso se refere a uma transmissão ao vivo pelas redes sociais, em agosto do ano passado, na qual Bolsonaro divulgou informações sobre o inquérito da PF que apura uma invasão do

sistema de informática do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em 2018. A íntegra do inquérito foi publicada depois em suas redes sociais, para reforçar a campanha de Bolsonaro contra as urnas eletrônicas.

Em um relatório ao Supremo, a PF disse ter encontrado indícios de que Bolsonaro cometeu crime ao divulgar os dados sigilosos. Por lei, qualquer servidor público tem a obrigação de proteger informações protegidas por sigilo legal. O caso ganhou proporção porque a investigação da PF era mantida em segredo por ainda estar em andamento e, portanto, os dados divulgados pelo presidente não poderiam ter se tornado públicos. A PGR não viu ilegalidade no ato e pediu arquivamento do caso, desconsiderando o relatório da PF.

Na decisão de ontem, Moraes

Rosinei Coutinho/SCO/STF



Para Moraes, pedido de arquivamento da PGR foi feito fora do prazo

considerou que o questionamento da PGR está fora do prazo e argumentou que a própria procuradoria havia concordado com as novas medidas determinadas

na apuração. “Em quatro das cinco oportunidades de atuação do Ministério Público, a Procuradoria-Geral da República manifestou-se por meio da dra. Lindora

Maria Araújo, vice-procuradora-geral da República, que, por meio de sua ciência, concordou com as referidas decisões, inexistindo a interposição de qualquer pedido de reconsideração, impugnação ou recurso no prazo processual adequado”, registrou o ministro em seu parecer.

Ações “inaceitáveis”

Em maio, Moraes determinou que a PF elaborasse um “relatório minucioso” de análise de materiais colhidos em quebra de sigilo telemático no âmbito do inquérito. O ministro alegou que não foi encaminhado ao Supremo parecer específico do material obtido.

De acordo com o magistrado, ações processuais conflitantes são inaceitáveis. “Não bastasse a ocorrência da preclusão temporal (perda do prazo para manifestação),

comportamentos processuais contraditórios são inadmissíveis e se sujeitam à preclusão lógica, dada a evidente incompatibilidade entre os atos em exame, substanciados na anterior aceitação pela Procuradoria-Geral da República com as decisões proferidas — tendo manifestado por cinco vezes sua ciência — e sua posterior irrisignação”.

No despacho, a vice-procuradora-geral da República não viu irregularidade na atuação do chefe da PGR, Augusto Aras, ao pedir o encerramento da investigação. Ela ainda criticou Alexandre de Moraes ao afirmar que ele violou o sistema acusatório ao determinar novas medidas na investigação. Para ela, Aras atuou de forma técnica, jurídica, isenta e sem “qualquer desiderato [desejo] de prejudicar ou beneficiar determinadas pessoas”.